A herança colonial

O Brasil teve sorte em não enveredar pela aventura colonial.

Oportunidades não faltaram: a partilha do Paraguai, o espaço boliviano e outras brechas geopolíticas. Mas a elite imperial deu também nisto o exemplo à República. O Brasil refluuiu para dentro das suas ainda inexploradas fronteiras, por si já tão amplas.

A juventude não seria suficiente para explicar a prudência. Os Estados Unidos ficaram com as Filipinas, Porto Rico e outros despojos da guerra contra a Espanha em 1898. As Filipinas terminaram independentes, liberando-se de um virtual protetorado como o exercido sobre Cuba, com resultados piores.

Também a Argentina, mesmo sem ser colonialista, prossegue com reivindicações territoriais nas ilhas Malvinas ou Falklands e principalmente na Antártida, além da querela fronteiriça com o Chile.

Até isto evitamos.

O mérito recaí tanto sobre o Barão do Rio Branco, um civil, quanto sobre militares que souberam ser dignos de uma das lições de Rondon: o Brasil atolimitou-se para concentrar-se e melhor crescer em níveis menos polêmicos que o político, embora mais importantes — o econômico e, quem sabe, o científico, o tecnológico e o cultural, apesar dos pessimistas.

São reflexões despertadas em parte pelos dilemas da Grã-Bretanha explodindo nos bairros negros de Brixton e periferia de todas suas grandes cidades. Subproduto dramático da sobrevivência do sonho, apenas sonho, da comunidade britânica de nações. Paquistaneses, jamaicanos, hindus, continuam emigrando para a antiga metrópole, obrigada a acolhê-los. Mas com final prejuízo econômico, ao ter de ser paga a conta, cada vez mais alta, de segurança pública e absorção assistencialista dos desajustados.

A Europa há muito deixou de ser um continente de emigração.

Os chamados “bárbaros”, que destruíram o Império Romano, foram os últimos imigrantes para a Europa, donde enfim principiaram a deixar de sair seus habitantes rumo sobretudo às Américas.

Não sendo um continente de emigrantes, apresenta-se fértil a seara para o racismo. O *National Front* proclama preconceitos neonazistas, que não se limitam assim à Alemanha. Num certo aspecto, tornaram-se até fracós neste último país, liberto das colônias africanas em 1919, quando parecia delas espoliado.

Mas para a Grã-Bretanha prossegue o fluxo, ora diminuindo, ora aumentando clandestinamente. São parentes que chegam e vão ficando.

Resultado: crescente dificuldade daquela sociedade, culturalmente homogênea, em absorver o novo tipo de excedente exótico. Gente não só de cor diferente, quanto de costumes opostos aos da maioria da população lo-

cal. Daí para o racismo e à réplica violenta é só um passo. Com frequência transposto nos últimos tempos.

Seria desumano expulsar quem chegou. Se nem os Estados Unidos se safam do quase um milhão de imigrantes clandestinos que residem só em Nova Iorque... Embora em São Paulo quase outro tanto de asiáticos venha também se apinhando, urgindo sua localização e assimilação, enquanto se detém o agravamento do processo através de um competente estatuto do estrangeiro, aberto apenas a quem venha contribuir positivamente com seu trabalho.

Temos problemas bastante. Não precisamos importar mais.

A França apresenta outro exemplo, talvez mais capaz de solução.

Os colonialistas usaram, com frequência, marroquinos e senegaleses que não podem mais retornar aos seus países. Outro tanto aconteceu com Portugal e seus imigrantes e descendentes repelidos da África.

Se evitamos o equívoco do colonialismo, não podemos cair no dos Estados Unidos, com as fronteiras atravessadas por latinos e caribeanos em grande escala, antes que haja tempo para dar-lhes empregos e escolas. Que seria de nós, se aceitássemos idêntico ritmo?

Todo imigrante deve ser bem-vindo, na medida em que possa ver-se ajudado a ajudar-nos na construção do país.

O Brasil é e deve prosseguir orgulhosamente um país de imigrantes. Quase todos descendem aqui de imigrantes não só da Europa quanto da África e Oriente e até dos Estados Unidos. A cidade de Americana, em São Paulo, foi fundada por refugiados sulistas escapando da derrota da Confederação na Guerra Civil.

O que não podemos é aceitar a criação de Brixtons, além das favelas que já precisamos absorver. O contrário seria um suicídio.

O estrangeiro trate, em último caso, de lutar por mudanças nas suas próprias terras, quando não estivermos em condições de fornecer-lhe uma oportunidade. O que não devemos é agir sob pretextos supostamente humanitários.

A integração do mercado comum da Europa Ocidental adverte-nos quanto às suas limitações: agora são turcos e meridionais afluindo em busca de uma promessa só em parte cumprida, quase sempre negada após períodos quando o imigrante começava a adaptar-se à nova pátria e é o primeiro despedido nos momentos de crise.

A recíproca também surge verdadeira: os brasileiros, que preferem terras vizinhas, precisam advertir-se dos riscos iguais ou maiores. Assim se evita a repetição de problemas muito graves, que levaram a guerras ou, no mínimo, tensões geradas de antipatias mútuas e gratuitas. A equidade determina que vejamos o lado da questão que nos envolve.